

4. COMENTÁRIO – A noção de inconsciente e a teoria do conhecimento

A gente ainda não entende a alucinação ou não sabe como resolvê-la porque pensa redondo. Pensa que a forma perfeita é a do círculo, a da esfera. A alucinação provém do real, do que está excluído do simbólico. Esta é a importância da estrutura.

Em Freud a palavra revolução se escreve *Umschwung*. Sua ressonância é principalmente usada para se referir ao fator quantitativo:

“As fantasias patogênicas, derivativos de impulsos instintuais reprimidos, são por longo tempo toleradas juntamente com a vida normal da mente e não têm efeito patogênico até que, por uma revolução na economia libidinal, recebem uma hipercatexia; somente então irrompe o conflito que acarreta a formação dos sintomas. Assim, à medida que nosso conhecimento cresce, somos cada vez mais impelidos a trazer o ponto de vista *econômico* para o primeiro plano.”¹

A palavra revolução – transformação radical de uma estrutura - passou a significar, segundo Lacan, um ideal, uma função do supereu, no pensamento moderno.

Ouviu outro dia Adam Phillips dizer que, na vida moderna, se educa um filho ou para ser famoso e rico ou para ser revolucionário.

Quer dizer que a palavra revolução, em Freud, evoca a noção de estrutura, ou seja, é situada mais no nível simbólico que imaginário.

Por sua vez a revolução copernicana, a dos astros, permanece na dimensão imaginária.

¹ FREUD, S. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. EEBOPC. Vol. XVIII.

“...proponho-me a descrever como o narcisismo universal dos homens, o seu amor-próprio, sofreu até o presente três severos golpes por parte das pesquisas científicas.”²

Desde o seminário do ato psicanalítico Lacan vem insistindo em que não há nada de revolucionário nem na revolução copernicana nem na darwiniana.

Sua hipótese é que o discurso do mestre encerra exatamente a revolução do real –*ἐπιστήμη* – a transferência do saber do escravo ao mestre.

O heliocentrismo não promoveu, segundo Lacan, nenhuma revolução; inclusive o senso comum só retém dele a opinião de que a terra gira, o mundo roda.

Promoveria alguma revolução se a consequência disso – do fato de que há rotação da terra em torno de seu eixo (que equivale a um dia) e translação da terra em torno do sol (que equivale a um ano) - fosse outra topologia que a que presume que a roda, o círculo é a forma perfeita: portanto uma idéia imaginária, um *mos geometricus*.

Introduzir a trajetória elíptica - - lugar geométrico dos pontos de um plano cujas distâncias a dois pontos fixos desse plano têm soma constante; interseção de um cone circular reto com um plano que faz com o eixo do cone um ângulo maior que o do vértice [cf. Dic. Aurélio] – significa dizer que o corpo planetário gira para precipitar seu movimento e poderia apontar uma topologia mais de acordo com o real.

Lacan insiste em destacar que um fotocentrismo é menos escravizante que o hélio. Isto é, mais importante que o sol para o avanço da física foi a luz. De outro modo, mais importante foi a generalização que fez Einstein da teoria de Newton.

Recorrendo a Copérnico Freud não estava interessado em destituir senão o monocentrismo em psicologia, ou seja, a idéia de unidade, de ego.

Por sua vez contestando a dita revolução copernicana Lacan está interessado em questionar a topologia da esfera. Por isso a retoma e o fez outras vezes, por exemplo:

² *Id.* Uma dificuldade no caminho da psicanálise. Vol. XVII. Ver também Conferência XVIII - Fixação em traumas — o inconsciente. Vol. XVI. Ver ainda As resistências à psicanálise. Vol. XIX.

“Não há progresso. O homem dá voltas se o que disse de sua estrutura é verdadeiro, a saber que a estrutura do homem é tórica. Não que afirme absolutamente que ela seja tal – digo que se pode tentar ver onde está a coisa, tanto mais quanto nos incita a isso a topologia geral. O sistema do mundo tem sido sempre até aqui esferoidal. Poder-se-ia talvez mudar. O mundo esteve sempre inclinado até o presente, para isso que os homens têm enunciado, para o interior de uma bolha. O vivente considera a si próprio como uma bola, mas com o tempo ele pelo menos se apercebeu que não era uma bola mas uma bolha. Por que não se aperceber que o que se vê do corpo vivo está organizado como o que outro dia chamei trico e que não é nada mais que um toro.”³

O heliocentrismo era o que menos preocupava Copérnico. Logo se viu que menos importante do que “isso gira” para a ciência física é o “isso cai”. Evitar as palavras “gira”, “roda” tem a vantagem de abrir outra dimensão que a do movimento de rotação, e sobretudo a consequência imaginária de que engendra o círculo, ou seja, a forma perfeita, a forma do planeta.

A segunda lei de Kepler esclarece a trajetória elíptica.

Com a lei da inércia Galileu esclarecerá também a elipse em questão.

Newton, apesar de muito tempo depois, conclui com a gravitação o que é que rege a mais banal queda de um corpo.

Ainda assim não ficou claro o que é a ação – que demonstra o real como impossível – a força de atração e de repulsão entre corpos tão distantes e tão pesados.

Apelou-se à noção de campo –gravitacional, eletro-magnético - proposta para explicar esta ação, apenas permitiu entender-se que este em jogo algo do real que pertence à estrutura. Maxwell usou o campo eletro-magnético para explicar a

³ LACAN, J. Seminário de 14/12/1976. O sistema tórico e a contra-psicanálise. L'insu-que-sait de l'une-bévue s'aïlle à moure. Tradução de Jairo Gerbase. 20/08/98.

reconstituição de um universo. O campo da gravitação resistiu a unificação dos campos.

O LEM alunizante de Newton é saber do mestre.

A retificação einsteiniana - curvatura do espaço e tempo de transmissão que a velocidade finita da luz não permite anular descola Newton da estética transcendental de Kant.

Chegamos à ordem quântica: onde o quantum de ação nos devolve o efeito de ato que se produz como resto de uma simbolização correta.

O que Lacan sustenta: a lei da estrutura é a *hypotheses non fingo* de Newton. Há saber no real. Há fórmulas que não se imagina. Ao menos por um tempo elas estão ligadas ao real. Quando a gente as imagina, isto é, quando as realizamos como sentido, quando a ficha cai, o saber deixa de ser real. Com sua hipótese de ciência conjectural ele não faz nada mais que acompanhar as ciências exatas. Em vez da experimentação a lógica matemática.

É a única alavanca que pode colocar fora de questão por fazer de cobertura o que gira da meda: psicologia de indescalcável na qual Kant se une a Wolff e Lambert e que se sustenta nisto: que centrada no mesmo pivô se inserem ontologia, cosmologia, sem que teologia lhes dê a lição, a alma, é o conhecimento que o mundo tem de si mesmo, e precisamente o que enfeita por ser assim reconhecido, com o alibi de uma Coisa-em-Si que se esquivaria ao conhecimento.

A partir daí se ajunta às fantasias que comandam a realidade, a do contramestre.

É para reconduzir à sua férula a revolução freudiana que uma camarilha delegada pela lise-Ana da análise reeditou esse Golem a título de eu autônomo.

Se há vestígios em Kant da função que se lhe imputa de ter adornado a “cosmologia” newtoniana, é que em algum parte se topa, como de uma maçã a um peixe, a fórmula newtoniana e para assinalar que a *Vernunft* ou a *Verstand* não tem nada a ver com o *a priori*. O que não é menos seguro da experiência dita sensível, o que traduzo: ainda não advertida da estrutura.

O nômene provém da miragem cujas funções querem fazer-se passar por órgãos, com o efeito de emaranhar os órgãos a encontrar função. Assim essa função viúva não se faz valer senão como corpo estranho caída de um discurso do mestre

um pouco caduco. Suas irmãs de razão estão fora de questão, quer se afirmem puras ou práticas, por censurar não mais que a especularização da qual procedem os sólidos que não podem ser ditos “de revolução” senão contribuindo com as intuições geométricas mais tradicionais que existem.

Que apenas a estrutura seja propícia à emergência do real de onde se promove nova revolução, o testemunha a Revolução, com o R maiúsculo que a francesa a tem provido. Ela se viu reduzida ao que é para Bonaparte assim como para Chateaubriand: retorno ao mestre que possui a arte de torná-las úteis (consultem o Ensaio que assim se intitula em 1801); passando o tempo, ao que ela é para o historiador muito digno desse nome, Tocqueville: explorador para fazer a degradação das ideologias do Antigo Regime; a que os homens de inteligência não entendem mais que como loucura com a qual extasiar-se (Ampere) ou a pôr camisa-de-força (Taine); ao que dela fica para o leitor presente de uma orgia retórica pouco propícia de se respeitar.

E assim seria se Marx não houvesse recolocado na estrutura o que formula em um discurso do capitalista, porém do que ela tem foracluído a mais-valia com que ele motiva esse discurso. Dito de outro modo é desde o inconsciente e o sintoma que ele pretende prorrogar a grande Revolução: é desde a descoberta da mais-valia que ele precipita a consciência dita de classe. Lênin, passando ao ato, não obtém nada mais do que em psicanálise se chama regressão: isto é, os tempos de um discurso que não têm sido sustentados na realidade e em primeiro lugar por ser insustentável.

Freud é quem nos descobre a incidência de um saber tal que subtraindo-se à consciência, não se denota menos por estar estruturado, digo, como uma linguagem, porém articulado onde? Talvez em nenhum lugar que seja articulável, posto que não é mais que de um ponto de falta, impensável de outro modo a não ser pelos efeitos com que ele se marca, e que torna precário que alguém se conheça, no sentido em que conhecer-se, como faz o artesão, é ser cúmplice de uma natureza que nasce ao mesmo tempo que ele: pois aqui se trata de desnaturação; o que torna falso por outro lado que alguém se reconheça nela, o que implicaria o modo com o qual a consciência afirma um saber de ser sabendo-se.

O inconsciente, vê-se, não é mais que um termo metafórico para designar o saber que não se sustenta senão apresentando-se como impossível, para que assim se confirme por ser real (entenda-se discurso real).

O inconsciente não desqualifica nada que valha neste conhecimento da natureza, que é, de preferência, nada de mito, ou ainda inconsistência a demonstrar-se do inconsciente.

Em suma, basta lembrar que a bipolaridade se revela essencial a tudo o que se propõe aos termos de um verdadeiro saber.

O que o inconsciente aí acrescenta, é fornecer uma dinâmica da disputa que se constitui em uma seqüência de retorsões, cuja ordem que faz do corpo mesa de jogo não deve falhar.

Os requerimentos recorrentes, segundo nosso esquema: por ser o fato de uma ficção do emissor, não é tanto do recalçamento que dão testemunho no que não é menos construída, mais do recalcado que faz furo na cadeia de vigilância que não é mais do que transtorno do sono.

Do que se cuida a não-violência de uma censura que dá seu desmentido a todo sentido ao se propor como verdadeiro, mas cujo adversário se regozija por preservar o sem-sentido (*nonsense*, de preferência), único ponto por onde faz natureza (como se diz que faz água).

Se o inconsciente, em outra jogada, faz sujeito da negação, o outro saber se consagra em condicioná-lo ao que como significante mais o repugna: uma figura representável.

Em último caso se reconhece de que o conflito faz função para que um lugar preciso seja feito no real, mas para que o corpo aí se alucine.

Tal é o trajeto em que navegam esses barcos que me devem, lembremos, por serem registrados como formações do inconsciente.

Para fixar a armação corretamente, tive que ter paciência com que aqueles que de ordinário a tinham, sem que por muito tempo distinguissem nela a estrutura.

Para dizer a verdade, bastou que temesse ver-me surgir no real, para que se produzisse um despertar, tal que não encontram nada melhor que me expulsar do jardim onde eu cuidava de suas delícias. De onde retornei ao real da ENS, isto é, do ente [*étant*](ou do tanque [*étang*]) da Escola Normal Superior, onde o primeiro dia

em que ocupei meu lugar, fui interpelado sobre o ser que assentia a tudo isso. De onde eu declinei ter que sustentar minha visada de nenhuma ontologia.

É que ao ser apontada em um auditório a adestrar em minha logia de sua onto eu fazia a vergonto [*honteux*].

A toda onto bebida agora responderei e não por quatro caminhos nem por bosque que oculta a árvore.

Minha experiência não toca ao ser a não ser para fazê-lo nascer da falha que produz o ente ao se dizer.

Por isso o autor deve relegar-se a fazer-se meio para um desejo que o ultrapassa.

Mas há uma mediação distinta da que Sócrates disse em ato.

Ele sabia como nós que ao ente é preciso o tempo para fazer-se ser.

Esse “é preciso o tempo” é o ser quem solicita do inconsciente para retornar cada vez que for preciso, sim será preciso o tempo.

Pois entendam que jogo com o cristal da língua para refratar com o significante o que divide o sujeito.

Será preciso o tempo, é francês que lhes causo, não pesar, espero.

O que é preciso do tempo que é preciso, é a falha com que se diz o ser, em que pese o uso de um futuro desta forma para o verbo: falhar não esteja recomendada em uma obra que se dirige aos belgas, está combinado que a gramática ao proscrevê-lo faltaria com seus deveres.

Pouco faltou para que ela chegasse aí, esse pouco prova que é justamente pela falta que em francês o ser preciso vem reforçar o necessário, suplantando aí o *il estuet de temps*, do *est opus temporis*, ao empurrá-lo ao estuário onde as antiquilhas se perdem.

Inversamente esse é preciso não é equívoco por acaso dito no modo subjetivo da falta: antes (a menos) que não seja preciso vir aí.

É assim que o inconsciente se articula do que do ser vem ao dizer.

O que do tempo lhe faz estofo não é empréstimo do imaginário, mas, de preferência, de um têxtil em que nós não diriam nada a não ser que aí se encontram furos.

Esse tempo lógico não tem Em-si mais que isso que dele cai para sobrepujar o masoquismo.

Isso é o que o psicanalista releva para fazer aí figura de alguém. O “é preciso o tempo” ele o suporta há muito tempo para que a aquele que vem aí dizer-se não seja preciso mais que instruir-se de que uma coisa não é nada: justamente aquela com a qual ele faz signo a alguém.

Sabe-se que aí introduzi o ato psicanalítico, e não tomo como acidente que a comoção de maio me tenha impedido de levá-lo a termo.

Destaco aqui que alguém não se senta senão do modo do entorse que de preferência ele impõe ao verdadeiro.

Um único saber procura dito entorse: a lógica para quem o verdadeiro e o falso não são mais que letras para operar um valor.

Os estóicos pressentiram isso com sua prática de um masoquismo politizado, mas não o avançaram o suficiente para que os cétricos tivessem que pospor sua mítica invocação de uma verdade da natureza.

Foram as recusas da mecânica grega que barraram a rota a uma lógica com a qual se pudesse edificar uma verdade de textura.

Em verdade, apenas a psicanálise justifica aqui o mítico da natureza que se localiza no gozo que tendo lugar produz o efeito de textura.

Sem ele basta a lógica matemática para converter o ceticismo em superstição ao tornar irrefutáveis as asserções tão pouco vazias que:

- um sistema definido como da ordem da aritmética não obtém consistência ao fazer em seu seio a partição do verdadeiro e do falso a não ser ao confirmar ser incompleto, ou seja, ao exigir o indemonstrável de fórmulas que só se verificam alhures;

- esse indemonstrável se assegura por outro lado de uma demonstração que decide independentemente da verdade que lhe interessa;

- há um indecidível que se assegura daquilo que o próprio indemonstrável não poderia estar seguro.

Os cortes do inconsciente mostram esta estrutura para dar testemunho de semelhantes quedas a contornar.

Pois eis-me aqui de volta ao cristal da língua para ligar o falso, desde que *falsus* em latim quer dizer caído, menos ao verdadeiro que o refuta, do que ao é preciso o tempo para deixar traço do que tem falhado em manifestar-se primeiramente. Considerando que ele é o particípio passado de *fallere*, cair, do qual provêm faltar e ser preciso, cada qual segundo seus atalhos, note-se que a etimologia só é evocada aqui em sustentação do efeito de cristal homofônico.

Duplicar essa palavra é tomá-la como é preciso quando se trata de pleitear o falso na interpretação. É justamente como *falsa*, digamos bem caída, que uma interpretação opera de través, a saber: onde o ser se faz com o *lapsus linguae* [*pataqu'est-ce*].

Não esqueçamos que o sintoma é esse *falsus* que é a *causa* da qual a análise se sustenta no processo de verificação que faz seu ser.

Não estamos seguros do que Freud podia saber desse domínio a não ser de sua freqüentação a Brentano. Ela é discreta, ou seja, localizável no texto da *Verneinung*.

Facilitei o caminho ao prático que sabe se agarrar ao ludião lógico que forjei para seu uso, isto é, o objeto *a*, sem poder substituir a análise, dita pessoal, que às vezes o tornou difícil de manejar.

Ainda um tempo para acrescentar a isso em que Freud se mantém, um traço que creio decisivo: a fé completa que outorgava aos judeus por não faltar ao sismo da verdade. Aos judeus aos quais além do mais nada separa da aversão que ele confessa pelo emprego da palavra: ocultismo, em tudo o que concerne ao mistério. Por quê?

Por que senão porque o judeu, desde do retorno de Babilônia, é quem sabe ler, isto é, que pela letra se distancia de sua palavra, encontrando aí o intervalo justo para fazer uso de uma interpretação.

De uma única, a do Midrasch que se distingue aqui eminentemente.

Com efeito, para o povo que tem o Livro, único entre todos que se afirma como histórico, que jamais profere mito, o Midrasch representa um modo de aproximação do qual a moderna crítica histórica não ser mais que a degeneração. Pois se ele toma o Livro ao pé de sua letra, não é para fazer esta suportar intenções mais ou menos evidentes, mas para, de sua colusão significativa tomada em sua

materialidade: o que sua combinação torna comprometida a vizinhança (portanto não querida), do que as variantes gramaticais impõem como escolha desinencial, extrair um dizer diferente do texto: inclusive para implicar ao o que negligencia (como referência), a infância de Moisés, por exemplo.

Não significa nada relacionar aquilo que Freud aspirava que fosse sabido da morte do mesmo, a ponto de convertê-lo em sua mensagem póstuma?

Sobretudo para assinalar a distância – jamais considerada antes de mim – do trabalho de Sellin cuja coincidência sobre esse ponto não lhe pareceu que devia desdenhar, quando sua desenvoltura por ser pluma muito qualificada na exegese chamada crítica, lançará derrisão sobre os próprios gonzos do método.

Ocasão de passar ao avesso (é o assunto de meu seminário deste ano) da psicanálise enquanto que este é o discurso de Freud, ele suspenso. E, sem recurso ao Nome-do-Pai do qual disse abster-me, viés legítimo a ser tomado da topologia traída por esse discurso.

Topologia na qual sobressai o ideal monocêntrico (que seja o sol não muda nada) com o qual Freud sustenta o assassinato do Pai, quando, ao permitir ver que ele está ao contrário da experiência judia patriarcal, o totem e o tabu o abandonam do gozo místico. Não a figura de Akenaton.

Que no arquivo da significância aqui em jogo da castração, seja depositado o efeito de cristal que toco: *a foice [faux]* do tempo.

Nota para minha resposta à IVª questão

Gostaria que se soubesse que este texto não pretende dar conta da “revolução copernicana” tal como se articula na história, mas do uso... mítico que se faz dela. Principalmente por Freud.

Não basta dizer por exemplo que o heliocentrismo foi “a menor das preocupações” de Copérnico.

Como classificá-la? É certo, ao contrário – sabe-se que acerca disso sou formado nos escritos de Koyré – que lhe parecia admirável que o sol estivesse ali onde ele lhe dava seu lugar porque dali gozava melhor seu papel de luminária. Porém estava aí o subversivo?

Posto que o coloca não no centro do mundo, mas em um lugar bastante vizinho, o que, para o fim admirado e para a glória do criador, é igualmente adequado. Portanto, é falso falar de heliocentrismo.

O mais estranho é que ninguém, que se entenda bem: os especialistas exceto Koyré, destaque que as “revoluções” de Copérnico não concernem aos corpos celestes, mas às órbitas. É óbvio para nós que estas órbitas são traçadas pelos corpos. Porém, ruborizamos por ter de lembrar que, para Ptolomeu assim como para todos desde Eudóxio, estas órbitas são esferas que *suportam* os corpos celestes e a trajetória de cada um está regulada pelo fato de que varias órbitas a *suportam* concorrentemente, 5 talvez para Saturno, 3 se lembro bem para Júpiter. Que importa! Como também aquelas que Aristóteles acrescenta para colidir com dois corpos celestes, os dois que acabamos de nomear por exemplo, o efeito a prever das órbitas do primeiro sobre as do segundo. (É que Aristóteles quer uma física coerente).

Quem não deveria se aperceber, não digo lendo Copérnico, de que existe uma reprodução fototípica simplesmente ao soletrar o título: *De revolutionibus orbium coelestium*? O que não impede que notórios *tradutores* (os que traduziram o texto) intitulem sua tradução: *As revoluções dos corpos celestes*.

É literal, o que equivale a dizer: é certo que Copérnico é ptolomaico, que permanece no material de Ptolomeu, que não é copernicano no sentido inventado que constitui o emprego deste termo.

Justifica-se manter-se nesse sentido inventado para atender a um uso metafórico? É o problema que se coloca em toda metáfora.

Como mais ou menos disse alguém, com as artes a gente se diverte, se perde tempo com os lagartos. Não devemos perder a oportunidade de lembrar a essência cretinizante do sentido a que convém a palavra comum. Contudo, não é mais que façanha estéril, se uma ligação estrutural não pode ser percebida.

A pergunta do entrevistador, vale resposta improvisada. O que me veio de imediato – desde o fundo de uma informação que rogo crer que não é nula – é em primeiro lugar a observação de que ao heliocentrismo oponho um fotocentrismo de uma importância estrutural permanente. Vê-se por esta nota em que necessidade cai Copérnico com esse ponto de vista.

Koyré a aumenta, esta necessidade, ao referi-la ao misticismo difundido no círculo de Marsile Ficino. Por que não, com efeito? O Renascimento foi ocultista, razão pela qual a Universidade o classifica entre as eras do progresso.

O verdadeiro giro se deve a Kepler e, insisto, na subversão, a única digna desse nome, que constitui a passagem que ele pagou tão penosamente, do imaginário da forma chamada perfeita como sendo a do círculo, à articulação da cônica, da elipse no caso, em termos matemáticos.

Eu colapso incontestavelmente o que é o feito de Galileu, mas é claro que lhe escapava a contribuição de Kepler, e no entanto é ele quem já conjuga entre suas mãos os elementos com os quais Newton forjará sua fórmula: entendo por isso a lei da atração, tal como Koyré a isola de sua função hiperfísica, de sua presença sintática (cf. *Études newtoniennes*, p.34).

Ao confrontá-la com Kant, sublinho que não encontra lugar em nenhuma crítica da razão imaginária.

É de fato a praça forte cujo sítio mantém na ciência o ideal de um universo pelo qual ela subsiste. Que o campo newtoniano não se deixa reduzir, se designa bem em minha fórmula: o impossível, é o real.

É desde esse ponto uma vez alcançado que nossa física irradia.

Mas ao inscrever a ciência no registro do discurso histórico, deixo entender mais do que disse.

O acesso ao real é estreito. E é por perseguí-lo que a psicanálise se perfila.